

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 13
Número 2
Dezembro 2024

OS PERIGOS DA RELIGIOSIDADE COMO PLACEBO DA ALMA

The dangers of religiosity as a Placebo for the Soul

Me. Edmar dos Santos Pedrosa¹

RESUMO

Os benefícios de se ter uma prática religiosa são muitos. Abrangem desde saúde física com as pessoas aderindo a um grupo com práticas saudáveis como cuidado com o corpo, evitar vícios e contendas, além de cuidados com a saúde mental tendo a agremiação religiosa funcionando como um grupo de apoio social ou um verdadeiro fator de proteção. Entretanto, eclode uma séria preocupação quanto as pessoas adoecidas que buscam saúde em seu aspecto integral e que talvez não as encontre na religiosidade quando esta for tão patológica quanto os traumas que elas enfrentam ou guardam dentro de si. A religião de Jesus oferece cura real e definitiva, porém, em alguns casos podem estar oferecendo e ministrando placebos espirituais mantendo pessoas com suas doenças mascaradas e não tratadas, muito menos curadas. Práticas religiosas como verdadeiros rituais e dogmas, podem servir de compensação e até recompensas, mas não de cura do trauma trazido pela pessoa adoecida. Isso é um perigo sério demais pois elas podem seguir adoecendo cada vez mais e criando ambientes tóxicos e nocivos a outros ao redor. Felizmente existe uma solução, porém ela passa pelo conhecimento do estado real em que a pessoa se encontra sem qualquer enganação, placebo ou ilusão. Uma visão integrativa quanto aos cuidados da saúde e tratamentos é o que vai conduzir essa discussão

Palavras-Chave: Efeito placebo. Saúde mental. Cura. Religiosidade. Fé.

ABSTRACT

The benefits of having a religious practice are numerous. They range from

¹ Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas e Mestre em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná). E-mail: es.pedrosa@hotmail.com

physical health, as individuals join groups such as healthy practices , body care, avoiding addictions and conflicts, to mental health, with the religious functioning as a social support group. However, a serious concern arises regarding people who are ill and seeking comprehensive health but may not find it in religiosity when it is as pathological as the traumas they face or harbor within themselves. The religion of Jesus offers real and definitive healing, but in some cases, it might be offering spiritual placebos, keeping people's illnesses untreated. Religious practices, as true rituals can serve as compensation and even rewards, but not as a cure for the trauma carried by the ailing individual. This is a very dangerous because they may continue increasingly ill and create toxic and harmful environments for others around them. Fortunately, there is a solution, but it involves recognizing the real state in which the person finds themselves without any placebo, or illusion. An integrative approach to health care and treatments is what will guide this discussion.

Keywords: Placebo Effect. Mental Health. Healing. Religiosity. Faith.

INTRODUÇÃO

Para escrever algo da natureza do que vem a seguir, só existe uma maneira – com temor e tremor. Devemos sempre balizar cada palavra dita ou escrita com a certeza de que não sabemos o suficiente sobre qualquer assunto, mas também ter a convicção de que necessitamos fomentar o debate e estimular um novo olhar sobre a relação entre saúde integral das pessoas, notadamente a emocional, com a religiosidade.

Embora até possa parecer, não se tratará doravante de uma mera crítica religiosa desta ou daquela denominação ou seguimento, mas sim um alerta sobre os cuidados com aquilo que é mais importante em qualquer religião – a alma das pessoas.

Existe, sem a menor sombra de dúvidas, uma interseção entre religiosidade e saúde de forma equilibrada e sensível, entretanto, por má fé de alguns e por desconhecimento de muitos outros, a religiosidade pode estar sendo utilizada como refúgio levando pessoas a ignorar problemas sérios de saúde em nome da fé, especialmente quando se trata de saúde mental. O efeito placebo pode estar mais presente do mais que se imagina na prática religiosa.

Normalmente os doentes ou seus cuidadores buscam na religiosidade soluções para seus problemas, no entanto ao invés do tratamento eficaz e eterno, podem estar recebendo placebos espirituais que as fazem pensar estarem curadas quando na verdade apenas estão mascarando seus adoecimentos dando a eles uma roupagem mais agradável.

O que se pretende adiante é promover uma discussão sobre como uma abordagem integrativa, que combina a fé com a medicina convencional (saúde física e mental), pode ser mais eficaz. Mudar comportamentos é o foco quando se trata da vida de alguém adoecido e por comportamento deve-se entender qualquer coisa que uma pessoa diz ou faz, tecnicamente, comportamento é qualquer atividade de um organismo.²

A prática da espiritualidade por meio da religiosidade tem papel fundamental na saúde das pessoas. Como tal, ela apresenta aspectos positivos, muitos por sinal, embora também apresentem aspectos negativos e sérios quando a fé, ao invés de auxiliar na promoção da cura, pode estar apoiando, promovendo ou ocultando questões de saúde. Na área da saúde mental, nosso foco aqui, isso é mais evidente.

Os efeitos psicológicos de se esconder problemas de saúde através da religiosidade, como a ansiedade, a culpa, o trauma, os abusos e a desesperança na vida, podem ser gravíssimos e, em alguns

² MARTIN; PEAR, 2015, p. 5.

casos, infelizmente não raros, irreversíveis. A solução? A verdadeira religiosidade oferecida por Jesus!

1. RECIDIVA³ OU REMISSÃO TOTAL? QUAL É A CURA PROMOVIDA POR JESUS?

Jesus é o médico dos médicos, o terapeuta dos terapeutas e o conselheiro dos conselheiros ao promover a saúde integral de seus seguidores. Ele mesmo afirmou essa missão ao se colocar na condição de maior médico que já existiu e mostrar que simplesmente todas as pessoas são doentes, não estão, elas são, e ele veio chamá-las, fazendo isso por meio da cura a elas concedida.⁴ Só quem se reconhece pecador pode se enquadrar nesse “seleto” grupo, religiosos hipócritas, não. Detalhe: Jesus veio curar os doentes, jamais mantê-los adoecidos.

Assim sendo, deve-se abolir a visão de que tristeza, dor prolongada, sacrifício físico ou emocional e doença é sinal de santidade. Esse pensamento equivocado levou tantos ao isolamento recluso e à clausura social por meio de práticas ascéticas.⁵ Isso tudo talvez para evitarem adoecer ou para não procurarem a cura verdadeira quando já adoecidos. Nesse caso, eles podem não se acharem doentes, e por isso não buscarem a cura ao optarem por mascarar suas lutas.

Em Lucas, o evangelho escrito por um médico, literalmente falando, consta uma fala de Jesus mais direcionada ao dizer: *os são não precisam de médico, e sim os doentes.*⁶

Por são devemos entender aqueles que não cometem mais pecados e que pela glorificação (literalmente a morte), estão na eternidade desfrutando da presença de Jesus onde simplesmente não pecam mais por não existir o pecado lá. A presença do pecado simplesmente foi abolida na glória.

Por outro lado, os vivos, todos eles por sinal, religiosos ou não, são pecadores e conseqüentemente, doentes. Somos doentes e precisamos do médico urgentemente. Ninguém escapa disso, mesmo os que se enganam escondendo-se atrás de uma religiosidade patológica. João foi enfático quanto a isso ao dizer em sua primeira carta que se dissermos que não pecamos, enganamos a nós mesmos, ou seja, continuamos doentes, achando-se curados.⁷

O extremo de alguém que está adoecido espiritualmente e longe da cura que é Jesus, é justamente afirmar categoricamente que não possui pecado, pois afirmar isso demonstra somente que a pessoa não tem a verdade dentro de si mantendo-se a si mesmo em engano, afinal de contas ele corre o risco de começar a acreditar nesta mentira e passar a viver com base nela.

A especialidade de Jesus Cristo é promover a cura de quem se achega a ele, todo tipo de cura por sinal. Pedro ficou tão impactado com essa maravilhosa característica divina que relatou vários eventos ocorridos em sua presença quando falava aos romanos acerca do servo sofredor que morreu na cruz por todos eles, doentes espirituais. No Evangelho de Marcos, Jesus realizou várias curas milagrosas. Aqui estão os principais episódios de cura relatados:

1. Cura de um homem com um espírito impuro (Mc 1.23-28)
2. Cura da sogra de Pedro (Mc 1.29-31)
3. Cura de muitos doentes e possessos (Mc 1.32-34)
4. Cura de um leproso (Mc 1.40-45)

³ As recidivas são caracterizadas pelo reaparecimento da doença. Recidiva é o retorno da atividade de uma doença. Quando a doença não apresenta atividade detectável diz-se que há uma remissão completa. Disponível em <https://sbco.org.br/recidivas-do-cancer-entenda-como-acontece/>. Acesso em 02 ago. 2024.

⁴ Cf. Marcos 2.17.

⁵ Refere-se ao ascetismo, à abstenção dos prazeres e do conforto material, em busca do aperfeiçoamento ou da perfeição espiritual. Que tende a ser rígido, austero, sisudo; que não se deixa corromper; incorruptível. Que se dedica ao aperfeiçoamento espiritual; místico. Disponível em <https://www.dicio.com.br/ascetico/>. Acesso em 02 ago. 2024.

⁶ Cf. Lucas 5.31-32.

⁷ Cf. 1 João 1.7-9.

5. Cura de um parálitico (Mc 2.1-12)
6. Cura de um homem com a mão ressequida (Mc 3.1-6)
7. Cura de muitos à beira do mar (Mc 3.7-12)
8. Cura da mulher com fluxo de sangue (Mc 5.25-34)
9. Ressurreição da filha de Jairo (Mc 5.21-24, 35-43)
10. Cura de muitos em Genesaré (Mc 6.53-56)
11. Cura da filha da mulher siro-fenícia (Mc 7.24-30)
12. Cura de um surdo e gago (Mc 7.31-37)
13. Cura de um cego em Betsaida (Mc 8.22-26)
14. Cura de um menino possesso (Mc 9.14-29)
15. Cura de Bartimeu, o cego (Mc 10.46-52)

Não bastasse tantos relatos em um curto evangelho de apenas 16 capítulos, o príncipe dos apóstolos, chegou a afirmar que além daqueles 15 relatos, Jesus “*curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades*”.⁸ Nunca podemos nos esquecer que Jesus curava pra valer seus doentes. Ele não os melhorava, não realizava uma cura temporária ou paliativa. O remédio usado por ele era definitivo e eficaz, não um placebo.

Contudo, há pelo menos dois mil anos, também por realizar esses milagres maravilhosos ao povo, Jesus foi morto da cruz, ressuscitou ao terceiro dia e subiu aos céus não estando mais fisicamente aqui. Isso quer dizer que ele não realiza mais curas? Absolutamente não. Ele as realiza e muito, porém não mais pessoalmente em carne e osso, mas por meio, entre outras formas, da sua igreja instituída na terra e comprada pelo seu sangue precioso.

A igreja edificada por Jesus, realiza as mesmas obras que ele numa proporção ainda maior, pois age em nome dele e por procuração concedida direta e pessoalmente por ele mesmo em todo o mundo. João relatou uma fala maravilhoso de Jesus nesse sentido ao escrever: “*Digo-lhes a verdade: Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas [...] O que vocês pedirem em meu nome, eu farei*”.⁹

A religião de Jesus nesta geração, se podemos chamá-la assim, oferece cura completa às pessoas, uma remissão total sem recidivas, não uma mera ministração de placebos espirituais que mantêm suas almas no engano. Não se pode viver parecendo curado, mas sim ser de fato curado de seu adoecimento.

2. O QUE PLACEBO E RELIGIÃO TÊM EM COMUM?

Ao que parece, tudo. Embora para muitos essa palavra seja uma novidade, ela é antiga e bem difundida notadamente quando se trata de cuidados com a saúde. A neurologista Karen Muñana conta que a expressão “placebo” vem do latim *placere*, e significa “agradar”. “É um efeito psicológico ou fisiológico benéfico, de uma intervenção médica que carece de atividade específica para a condição a ser tratada”.¹⁰

Em palavras simples, placebo significa tratar alguém adoecido com algo que não é remédio convencional, mas que se apenas se parece com remédio. Uma espécie de engodo em que o doente acredita estar sendo medicado de fato, quando na verdade está ingerindo uma substância *fake*, totalmente inofensiva ao organismo como pílulas de açúcar ou farinha por exemplo.

Obviamente a cura não será provocada pelo medicamento falso, mas pela fé do paciente de que aquela substância seja verdadeira e, conseqüentemente, eficaz. Para todo cientista e especialista em

⁸ Cf. Marcos 1.34.

⁹ Cf. João 14.12,14.

¹⁰ Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/o-misterio-do-efeito-placebo>. Acesso em 22 jul. 2024.

curas, o efeito placebo vem justamente da crença no tratamento, ou seja, quanto mais a pessoa acredita que vai melhorar, por uma série de razões, mais ela tem chance de conseguir.¹¹ Entretanto, o método traz consigo um dilema ético: ao fornecer pílulas falsas para metade dos voluntários, os cientistas estão, “tecnicamente” falando, deixando de tratá-los.

Todavia é bom que se diga que o placebo só pode ser empregado se os pacientes que o receberem não ficarem sujeitos a qualquer risco adicional de danos graves, ou irreversíveis, como resultado da falta de tratamento. Não é uma ministração empírica como se pode imaginar, mas algo seguro e cientificamente comprovado quanto à eficácia.

No meio religioso, parece que, como se diz popularmente, “o buraco seja mais embaixo”. Não estariam alguns líderes religiosos tratando as doenças da alma oferecendo soluções falsas? O efeito placebo na religião tem potencial ou capacidade de verdadeiramente curar uma pessoa adoecida emocional ou espiritualmente? Não estariam alguns deles abusando da fé das pessoas e mantendo-as adoecidas propositadamente em nome da assiduidade às reuniões, fazendo-as acreditarem que estão curadas?

Infelizmente e tragicamente, a fé pode ser usada para mascarar problemas de saúde reais e isso não é de agora. Em diversas culturas e épocas, a religiosidade tem sido utilizada como substituto ou complemento ao tratamento médico, psicológico e até espiritual, tudo em nome da fé. A religiosidade pode estar funcionando para muitas pessoas como uma espécie de recompensa por seus novos comportamentos “santos”. É o que chamam os estudiosos de reforçamento positivo:

Reforçador positivo é um evento que, quando apresentado imediatamente após um comportamento, faz com que o comportamento aumente em frequência (ou probabilidade de ocorrer). O termo reforçador positivo é um sinônimo aproximado da palavra recompensa. Numa determinada situação, alguém faz alguma coisa que é imediatamente seguida por um reforçador positivo, então essa pessoa tem maior probabilidade de fazer a mesma coisa novamente quando encontrar uma situação semelhante.¹²

De fato, *sem fé é impossível agradar a Deus*¹³ e todo aquele que se aproxima de Deus, doente pelos seus pecados, deve crer não só que ele existe, mas que premia os que lhe são fiéis. No caso, os presenteia gratuitamente com a tão sonhada cura eterna.

Até especialistas completamente ateus concordam que “acreditar na cura é tão importante quanto a própria cura – especialmente em situações muito graves ou doenças incuráveis”.¹⁴

Na área da saúde física ou mental, o foco é alcançar a cura do doente ou a preservação da higidez de quem não adoeceu, e na religião não se deveria buscar algo diferente que não fosse a cura espiritual e completa da pessoa que se reconhece doente pelo pecado.

Como bem está escrito em recente obra a respeito dos remédios para a alma: “O diagnóstico bíblico para cada um de nós é assustador: não estamos, somos doentes! E o pior é que nossa doença é grave e nos levará à morte caso não seja tratada a tempo e a contento”.¹⁵

Doenças físicas são tratadas em clínicas e hospitais, as emocionais em *settings* terapêuticos e as doenças da alma nas diversas religiões especialmente nas igrejas evangélicas, nosso foco aqui. Quanto à saúde espiritual, igreja não é funerária que vela defuntos, mas hospital celestial que cura almas.

Contudo, e este é o alerta feito, tem muita gente doente, porém sorrindo e louvando nas reuniões eclesiais. A religião parece estar servindo a muitas pessoas de esconderijo de suas dores mais intensas

¹¹ “A expectativa de obter um tratamento eficaz está relacionada à autossugestão”, diz Robin Christensen, médico do Hospital da Universidade de Copenhague (Dinamarca) e autor de estudos sobre placebo. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/o-misterio-do-efeito-placebo>. Acesso em 22 jul. 2024.

¹² MARTIN; PEAR, 2015, p. 39.

¹³ Cf. Hebreus 11.6.

¹⁴ Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/o-misterio-do-efeito-placebo>. Acesso em 22 jul. 2024.

¹⁵ PEDROSA, 2023, p. 11.

e sendo utilizada como máscara quanto a adoecimentos não tratados ou curados. É um lugar onde sorriem, sem terem motivos reais de alegria em seus corações. Que demonstram harmonia familiar, mas nas quatro paredes destilam raiva e rancores represados. Que dizem paz dominicalmente por todos os lados, mas saindo da comunhão vivem um masoquismo semanal.

Nossos traumas não devem ser compensados, eles devem ser tratados e curados.

3. TRAUMA NÃO TRATADO É TRAUMA COMPENSADO

É essencial compreendermos o que vem a ser a tão crucial compensação. Joana Fonseca tem uma interessante definição:

Um processo de compensação passa sempre por evitar sentir alguma emoção e/ou preencher um “buraco” emocional. Perante algum acontecimento, alguma característica pessoal, algum problema ou até alguma situação pontual, tendemos a procurar algo que nos faça sentir melhor ou que alivie o que estamos a sentir. Tentar compensar é natural, pode até ser uma questão de sobrevivência.¹⁶

Para aquela autora, e devemos concordar com ela, é essencial identificar processos de compensação, sejam eles adaptativos ou não. Se o processo de compensação é adaptativo e ajuda a alcançar bem-estar, isto é, ajuda a resolver o problema ou situação inicial providenciando soluções ou um novo sentido, então é melhor mantê-lo.

Esse seria o resultado ideal ao se aderir a uma verdadeira religiosidade cristã, ou seja, despir-se da velha natureza e em Cristo tornar-se uma nova criatura, deixando tudo de ruim para trás. Não é esquecer, mas lembrar e sentir paz. Paulo intentou ensinar isso de maneira bastante direta ao dizer: *“Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!”*.¹⁷

Relacionar-se com pessoas permite experiências maravilhosas, às vezes duras, mas sempre recompensadoras. Quanto mais se envolve com pessoas religiosas, mais se descobre que muitas delas estão ligadas nesta ou naquela religião para compensar traumas passados. Em alguns casos, parece até ser uma forma de se mascarar a dor passada ou deixar o trauma hibernando ou deitado eternamente em berço esplêndido esperando que ele nunca acorde.

Infelizmente para essas pessoas, não é que ele nunca vai acordar, na verdade ele nunca adormeceu, só parece ter feito isso. No convívio religioso, se nada sair do controle, a pessoa demonstra emoções alegres, equilibradas e boas, mas ao menor descuido ou frustração, um gatilho é ativado e o trauma mostra suas garras cruéis. Geralmente quem está por perto e fora daquele convívio é que sofrerá as consequências do rompante colérico, ou do mergulho depressivo.

Não deveria ser assim, mas a religiosidade pode servir como um forte mecanismo de esconderijo de traumas não tratados. Isso pode ocorrer por meio da racionalização e negação em que a pessoa quer a todo custo convencer-se que por ser religiosa, naturalmente está curada e livre das consequências traumáticas que carregava consigo, como se fosse acometida de um esquecimento santo a partir da sua “conversão”.

Assim ela, por meio da fé à sua maneira de crer, racionaliza ou nega sintomas e diagnósticos que podem ser claros e evidentes às outras pessoas, menos a ela mesma. É certo o ditado popular que diz que o pior cego é aquele que não quer ver. Como é sabido, a psicologia tem várias teorias, porém a compensação psicológica é um conceito abordado em muitas delas devido a sua relevância.

Carl Gustav Jung propôs que o inconsciente age para compensar os desequilíbrios na psique consciente. Por exemplo, se alguém está excessivamente racional, o inconsciente pode trazer à tona conteúdos emocionais para equilibrar essa tendência. Alfred Adler por sua vez acreditava que as pessoas compensam sentimentos de inferioridade desenvolvendo habilidades e comportamentos que lhes dão

¹⁶ Disponível em <https://www.oficinapsicologia.com/teorias-da-compensacao>. Acesso em 24 jul. 2024.

¹⁷ Cf. 2 Coríntios 5.17.

um senso de superioridade. A busca por superar essas fraquezas percebidas pode motivar grande parte do comportamento humano.¹⁸ Talvez por isso é tão comum encontrarmos pessoas envolvidas na religiosidade que se sentem e fazem questão de demonstrar algum tipo de superioridade em face das outras.

O tão comentado Sigmund Freud falou de mecanismos de defesa e os descreveu como formas pelas quais o ego tenta lidar com a ansiedade e o conflito. Por exemplo, a formação reativa, onde uma pessoa age de maneira oposta aos seus sentimentos reais, pode ser vista como uma forma de compensação.¹⁹

Já Abraham Maslow sugeriu que as pessoas tentam compensar deficiências nas necessidades básicas antes de se moverem para necessidades mais elevadas de crescimento e autorrealização.²⁰ Cada uma dessas teorias oferece uma perspectiva particular sobre como a mente humana tenta equilibrar suas funções e lidar com desafios psicológicos.

Ancorada nas questões de fé religiosa, pessoas se amoldam à pressão social e cultural daquele meio em que estão inseridas, sendo muito influenciadas pelas comunidades religiosas a não demonstrarem fraqueza e acreditarem que foram receptoras do milagre da cura pelo simples fato de pertencerem àquele grupo e às vezes até exercerem algum ministério ou cargo de liderança ali – nada pode ser mais falacioso.

Chegam a acreditar que o milagre recebido foi esquecer do passado como uma verdadeira amnésia celestial, porém à menor anormalidade, tudo volta à tona.

O cinema é maravilhoso em retratar cenas assim. No emocionante filme baseado em uma impactante história real e intitulado de “quatro dias com ela”²¹ uma mãe relutante ajuda sua filha viciada em drogas a se recuperar. Como é de se esperar, a jovem adicta há mais de dez anos, cada vez que voltava pra casa causava muitos problemas.

O interessante é que cada vez que ela voltava pra casa, sua mãe, uma mulher aparentemente doce e pacífica, se transformava. Ficava dura com as palavras, agressiva e atacava gratuitamente tanto o pai da jovem culpando-o por tudo, mas especialmente o padrasto dela que vivia com a idosa mulher em casa há muitos anos.

Aquilo só parou no dia que o homem evitou uma briga e falou abertamente com ela a respeito daquele comportamento tóxico dizendo que a amava e que aquilo tinha que parar. Com a filha longe a mulher parecia bem como se o placebo tivesse cumprido seu papel, mas com ela próxima a si, os traumas ressurgiam como um vulcão em erupção. Mãe e filha vão aprender a tratar de seus dramas pessoais durante o enredo da trama.

Para muitos cristãos é real o que diz uma conhecida canção nacional “*Quem me vê assim sorridente, não sabe o que estou passando*, o meu sorriso é mudo, eu devia estar chorando [...] Mas o mundo é mesmo assim, enquanto um sorri, outros choram de dor...”²²

Em nossa geração atual, e sinceramente não sei se também não o foi em todas as outras anteriores, parece que o que mais as pessoas necessitam é de cura em seu sentido mais ampliado possível. Seja

¹⁸ Disponível em <https://taniaosanipsicologia.com.br/blog/o-que-e-um-complexo-de-superioridade/>. Acesso em 06 ago. 2024.

¹⁹ Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/mecanismos-defesa.htm>. Acesso em 03 ago. 2024.

²⁰ Disponível em <https://www.gov.br/transportes/pt-br/assuntos/portal-da-estrategia/artigos-gestao-estrategica/a-hierarquia-de-necessidades-de-maslow>. Acesso em 03 ago. 2024.

²¹ Estrelado pelas grandes atrizes Glenn Close e Mila Kunis, ‘Four Good Days’ conta a história de Deb (Close), uma mãe que está ajudando sua filha Molly (Kunis) no processo de recuperação de abuso de drogas. Esse tempo que passam juntas após um longo distanciamento revive feridas passadas, mas também cria a oportunidade de reativarem o amor entre mãe e filha. O interessante do filme é observar a atriz Mila Kunis fugindo dos seus costumeiros papéis de Hollywood, fazendo o papel arriscado e desafiador de uma viciada em heroína, ela se sai muito bem e é o destaque do filme. Além dela, também possuímos uma atuação incrível de uma das grandes atrizes da história do cinema, Glenn Close, que por si só dispensa apresentações. Ambas dividem a tela de forma magnífica juntamente a história comovente. Disponível em <https://www.filmelmer.com/br/film/16689/four-good-days>. Acesso em 23 jul. 2024.

²² Disponível em <https://www.letras.mus.br/chitaozinho-e-xororo/168055/>. Acesso em 22 jul. 2024.

na área física, emocional ou espiritual, ser curado é essencial, afinal se morre doente, mas não se vive adoecido para sempre. Na verdade, o que todos necessitam é de saúde.

Em 1947 a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”.²³ Em um mundo adoecido, pessoas doentes acabam adoecendo outras pessoas e ao mesmo tempo, pessoas curadas, curam. Por completo bem-estar físico, mental e social, deve acrescentar o espiritual.

Por isso, uma das missões de Jesus como Deus encarnado entre nós, nosso Emanuel, se destacou das demais – a de curar, hoje em dia por meio de uma religiosidade saudável.

4. IGREJA É HOSPITAL QUE PROMOVE CURA, NÃO PALANQUE DE ENGODOS

Jesus vive justamente porque ele ama e, como ele mesmo disse “*porque eu vivo, vós também vivereis*”.²⁴ Igrejas não são cemitérios, embora estejam cheias de gente ainda morta. São hospitais em que se entra um doente terminal e sai totalmente revivificado. É lugar de gente viva e curada ou em processo de cura.

A visão do que seria a igreja, a congregação de pessoas imperfeitas que amam e seguem ao único ser perfeito que existe, exige uma definição clara em nossa mente.

Igreja é também um hospital para onde coadjuvantes doentes são levados em busca de cura. Uma vez tratados e curados, essas pessoas assumem o protagonismo de curar os outros. É como se o doente viesse e fosse recebido por enfermeiros saudáveis e prontos que o conduzissem ao médico que os cura mediante o tratamento e medicações adequadas. A alta médica é na verdade a promoção daquele, antes doente, agora transformado no mais novo enfermeiro do hospital.

Importante é que a igreja atinja seu objetivo de ser um local de cura e não um depósito de doentes. Não um lugar onde se é ministrada a pessoas doentes uma espécie de placebo espiritual que não as curam, mas apenas mascaram suas enfermidades. Como dito, a razão é simples e trágica também - gente não curada pode adoecer outras pessoas, antes saudáveis. De nada adianta ter um curativo lindo sob as feridas se debaixo dele o sangramento e a dor não foram estancadas.

Feridas não cicatrizadas, especialmente as emocionais, vez ou outra sangram e respingam em pessoas que nada tem a ver com o trauma provocado outrora. Inocentes sempre pagam o preço ao conviverem com pessoas não curadas. A religião verdadeira deve se apresentar como solução e não como enganação àqueles que a procuram.

A Bíblia, a igreja e a comunhão entre os irmãos são remédios eficazes e não meros paliativos para mascarar um sofrimento. Como cantam vários artistas religiosos, na igreja: “Deus te trouxe aqui para aliviar o teu sofrimento, é ele o autor da fé, do princípio e o fim, em todos os teus momentos”.²⁵ Deus não deseja apenas aliviar o sofrimento do doente, mas ir muito além disso, curando-o e trazendo paz para sempre.

5. OS PERIGOS DO PLACEBO RELIGIOSO

Uma pessoa consciente do pecado, mundana e iludida pode ser convertida a Deus a qualquer momento, agora um religioso enganado pode descobrir sua precária condição apenas na eternidade quando será tarde demais. A religião falsa pode sim ser o ópio (uma droga) de um povo²⁶, um verdadeiro

²³ Etimologicamente, saúde procede do latim *sanitas*, referindo-se à integridade anátomo-funcional dos organismos vivos (sanidade). Disponível em <https://bvsm.sau.gov.br/05-8-dia-nacional-da-saude/>. acesso em 23 jul. 2024.

²⁴ Cf. João 14.19.

²⁵ Disponível em <https://www.letras.mus.br/alem-do-louvor/1567357/>. Acesso em 24 jul. 2024.

²⁶ O ópio é uma droga com efeito anestésico. Seu consumo torna mais tolerável doenças dolorosas ou situações de grande sofrimento físico. Marx afirmava que “a religião é o ópio do povo”. Com isso queria dizer que ela serve como um anestésico para o sofrimento

placebo que promete cura, mas leva os doentes para a destruição, e a pior delas, a eterna.

Muitos são os perigos de não se tratar, ou pior, de até se tratar um adoecimento da alma, um trauma represado ou mesmo uma crise atual, mas com placebos espirituais. Não só não é a solução para a cura de alguém usar da religiosidade para esconder ou mascarar questões de saúde física ou mental, como também pode ser um agravamento terrível delas.

O efeito placebo de fato é muito positivo na medicina convencional, mas nas questões espirituais não é bem assim. Pode até garantir uma melhor qualidade de vida a uma pessoa com sérios sofrimentos guardados lá nos recônditos da alma, mas não tem o poder de libertá-la definitivamente daqueles males.

Um sério perigo de se mascarar um adoecimento através da religiosidade é com certeza negligenciar um tratamento médico caso seja uma doença física, negligenciar uma terapia com profissional da saúde mental caso seja um adoecimento emocional ou mesmo negligenciar um bom aconselhamento cristão e discipulado caso o adoecimento seja espiritual. O risco é interpretar equivocadamente as palavras de Jesus e achar-se tão são ao ponto de não precisar de cuidados específicos. Vale lembrar a todos nós que não estamos doentes, somos doentes.

Os são não precisam mesmo de médicos e tratamentos, afinal eles não estão mais aqui conosco, já receberam a glorificação por meio de seus passamentos, agora nós, os vivos, ainda enfrentamos nossas lutas neste mundo.

Doença não tratada se agrava com o tempo e provoca incômodos, complexos, dores e enfim, a morte do doente. A confiança exclusiva na fé não pode levar alguém à negligência de tratamentos necessários como tem acontecido em alguns seguimentos religiosos. Não é raro encontrarmos casos em que a busca de soluções espirituais atrasou o diagnóstico e tratamento de doenças graves ao ponto de se tornar tarde demais depois e completamente inócuo.

Um caso ficou mundialmente famoso por conta da pessoa envolvida nele, o gênio e multibilionário Steve Jobs, fundador da Apple. Avie Tevanian contou ao mundo que:

Jobs tinha uma espécie de “campo de distorção da realidade”, uma força de vontade que o fazia alcançar o impossível.

Tal crença o teria levado a recusar o tratamento convencional de câncer ainda no estágio inicial, quando a ação é mais eficaz na regressão da doença.

Segundo Tevanian, Jobs preferiu explorar terapias alternativas e adotar uma dieta especial.

“Steve não era uma pessoa convencional, e quando chegou a hora de tratar sua doença ele se contentou com os métodos não-tradicionais”, afirmou o amigo.

“Acho que ele achava de verdade que através de meios não-convencionais ficaria curado”.²⁷

O efeito placebo da religiosidade se mostrou claramente neste caso. O que o levou a tomar a decisão que ceifaria sua vida poucos meses depois do diagnóstico, parece ter sido sua crença. Seu biógrafo, Walter Issacson, relatou isso em detalhes ao afirmar que Jobs foi criado por luteranos, mas abandonou a religião cristã aos 13 anos, e acabou se convertendo ao Budismo Zen. Ele contou àquele biógrafo que tinha dúvidas sobre a existência de Deus.²⁸

Pelo que se cogita, ele recusou ser submetido à cirurgia que salvaria sua vida, porque acreditava que o corpo humano não pode ser “violado” ou “aberto”, no caso, por médicos numa cirurgia. Quando mudou de ideia, o câncer já havia se espalhado tanto que nada pôde ser feito e sua vida chegou ao fim tão precocemente.

Outro risco sério é o impacto psicológico negativo de depender da religião e seus rituais para de alguma forma compensar os efeitos do adoecimento. Isso é bem atual.

enfrentado pelos trabalhadores. Disponível em <https://filosofianaescola.com/politica/marx-e-a-religiao-o-opio-do-povo/> acesso em 24 jul. 2024.

²⁷ Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111215_jobs_amigo_pu. Acesso em 24 jul. 2024.

²⁸ Disponível em <https://exame.com/tecnologia/20-revelacoes-da-biografia-oficial-de-steve-jobs/>. Acesso em 24 jul. 2024.

6. A ATUALIDADE DOS TRANSTORNOS MENTAIS

Para a Organização Panamericana de Saúde²⁹, órgão da Organização Mundial da Saúde, existem diversos transtornos mentais, com apresentações diferentes. Eles geralmente são caracterizados por uma combinação de pensamentos, percepções, emoções e comportamento anormais, que também podem afetar as relações com outras pessoas.

Aliás, sempre afetam a relação com outras pessoas. Justamente por isso aquele órgão afirma que existem estratégias eficazes para a prevenção de transtornos mentais como a depressão. Há tratamentos eficazes para os transtornos mentais e maneiras de aliviar o sofrimento causado por eles. Sofrimento esse da pessoa adoecida e daqueles que o cercam de cuidados.

Além de uma religiosidade saudável, bíblica e centrada em Jesus Cristo, os especialistas apontam que o acesso aos cuidados de saúde e aos serviços sociais capazes de proporcionar tratamento e apoio social é fundamental.

E por fim eles fazem um alerta que qualquer religioso sabe e concorda muito bem. Eles dizem que: “a carga dos transtornos mentais continua crescendo, com impactos significativos sobre a saúde e as principais consequências sociais, de direitos humanos e econômicas em todos os países do mundo”.

Há sim um enorme risco em se tratar esses transtornos com placebos religiosos. Dentre os mais comuns e reconhecidos estão a esquizofrenia, demência e a depressão. Em recente obra bibliográfica³⁰ cito fatos importantes a esse respeito:

Uma coisa é certa – não se sai abruptamente de um quadro depressivo ou de outro adoecimento mental grave. Embora seja esse o desejo de quem se encontra adoecido. Para sair o adoecido precisa de ajuda técnica, pois: “Uma depressão exige ajuda terapêutica ou médica para permitir um tratamento bem-sucedido a longo prazo”.³¹

Os tempos modernos exigem de nós que alguns preconceitos caiam por terra. Um deles, que ainda perdura até hoje é o de achar que teologia, psicologia e psiquiatria não podem ou devem ser aplicadas juntas. Pensar assim nos sujeita a cometermos pelo menos um erro grave conforme ensinado por Christina Maslach, a mãe do *Burnout*, ou seja, “*estamos correndo o risco de tratarmos cólica de rim receitando aspirina*”.

Muitas pessoas sofrendo de depressão, de transtorno afetivo bipolar, de esquizofrenia e outras psicoses além de demência e distúrbios de desenvolvimento, incluindo o autismo estão nas igrejas evangélicas ou são levadas a elas em busca de socorro. Isso é bom pois uma das características do evangelho é libertar e curar as pessoas, porém, não se pode relegar os cuidados técnicos a segundo plano pois vidas estão em jogo, primeiro do adoecido que sofre e segundo daqueles que o cercam.

A igreja cristã necessita de muita sabedoria para lidar com essa questão. Uma combatente contra o desconhecimento religioso quanto o adoecimento mental defende que: “Há pessoas que realmente são massacradas com essa falta de acolhimento ou com frases colocadas de uma forma inapropriada [no contexto religioso]”, chegando a concluir o grande risco disso: “Isso inclusive pode levar as pessoas que ficam a um profundo adoecimento mental tanto pela sensação de culpa quanto pela sensação de que perdeu a esperança”.³²

²⁹ Disponível em <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>. Acesso em 30 jul. 2024.

³⁰ PEDROSA, Edmar. **O Terapeuta chamado Jesus**, Belo Horizonte: Getsêmani, 2021.

³¹ BERNDT, 2018, p. 26.

³² Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cp4enzdl4k1o>. acesso em 30 jul. 2024.

7. O ASPECTO POSITIVO DA RELIGIOSIDADE E SUA INTERFACE COM A SAÚDE

Com muita sensibilidade, o psicólogo Ramonielson Medeiros da Silva³³ descreveu em artigo científico essa realidade tão fundamental. Para ele, e em respeito aos que pensam diferente, existe uma interface entre religiosidade e, por exemplo, o suicídio provocado pela depressão. A religião, não o monopólio dela, é fonte de ajuda na cura dos que sofrem.

É verdade que até o brilhante sociólogo E. Durkheim³⁴ já chamava a atenção para o fato de que pessoas com alto nível de envolvimento religioso terem menores chances de cometer suicídio, devido ao alto nível de integração social que a religião promove.

Outros concordam e afirmam que países de maioria protestante tendem a ter taxas de suicídio mais altas que de maioria católica. Para estes autores, a diferença entre as taxas tem relação com as diferenças doutrinárias entre as diversas ramificações cristãs, como, por exemplo, o entendimento da graça de Deus e a possibilidade de confissão de pecados, rito este inexistente entre as igrejas protestantes.³⁵ Devemos traduzir isso por acolhimento e possibilidade de escuta ativa.

Vale ressaltar que há na literatura especializada sobre suicídio, evidências que sugerem que o envolvimento religioso é um fator de proteção contra o suicídio, bem como, há outros estudos que mostram que alguns aspectos específicos das diversas religiões não funcionam necessariamente como proteção a comportamento suicida.³⁶

Outro importante dado levantado por estes autores é que há um baixo nível de agressividade entre indivíduos religiosos, assim como menores índices de consumo de substâncias psicoativas, o que por sua vez, torna o suicídio menos provável entre grupos religiosos.

Ainda vale destacar que a religiosidade se mostrou positivamente correlacionada a outras variáveis consideradas como protetivas contra o suicídio, como satisfação com a vida e bem-estar subjetivo, bem como apresentou correlação negativa com fatores de risco, como depressão, ideação suicida, em boa parte dos estudos ao longo do século XX, conforme destacam um grupo de psiquiatras renomados, em seu trabalho de revisão sistemática sobre a relação entre religiosidade e saúde mental:

O nível da prevenção está ao ligado ao fato de que a participação em comunidades de fé pode propiciar um aumento na capacidade de resiliência do indivíduo, bem como oferecer um suporte social, capaz de conferir-lhe um sentimento de pertença e significado, como por exemplo, através do engajamento em causas sociais.³⁷

No entanto, o efeito placebo da religiosidade sempre deve ser levado em conta. De acordo com um estudo de 2017, realizado em 42 nações, distribuídas em 7 regiões geográficas culturais, concluíram que o envolvimento religioso apresenta um fator de proteção contra o suicídio, enquanto em outras nações, tal envolvimento mostrou-se como elevadora do risco.³⁸

Há que lembrar também das questões éticas e sociais envolvidas no assunto uma vez que líderes religiosos tem um papel fundamental no cuidado e na orientação adequada dos fiéis. Uma vida religiosa bem conduzida pode ser importante fator de cura das pessoas, por outro lado, se movida por

³³ Revista *Summae Sapientiae*, n. 2, ano 2019 - 2º Semestre. Disponível em <https://periodicos.ficv.edu.br/index.php/summaesapientiae/article/view/55/53>. Acesso em 30 jul. 2024.

³⁴ DURKHEIM, E. **O suicídio**: estudo de sociologia. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

³⁵ BECKER; WOESSMANN, 2011, p. 3-28.

³⁶ JONGKIND, 2018, p. 1-15.

³⁷ MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H. G. Religiousness and mental health: a review. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, v.28, n. 3, p. 242-250, set. 2006.

³⁸ HSIEH, N. A Global Perspective on Religious Participation and Suicide. **Journal Of Health And Social Behavior**, [s.l.], v. 58, n. 3, p.322-339, 22 jun. 2017.

empirismo e amadorismo desprezioso ou não, vidas podem ser perdidas ou mantidas em sofrimento desnecessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida é um palco, de fato, mas não podemos viver a representar papéis nele estando adoecidos e fingindo-se saudáveis. Não devemos mudar de figurinos aqui e ali para disfarçarmos dores e traumas represadas, antes, porém, trocar de pele definitivamente.

Deus não oferece um placebo espiritual a seus filhos, ele promove a cura definitiva e eterna a partir de sua pior doença, o pecado. As religiões cristãs tem papel fundamental nisso uma vez que o próprio Cristo estabeleceu sua igreja na terra.

De fato, não precisa mais que uma olhada superficial para se reconhecer que em muitos casos, a religiosidade pode ser usada para esconder questões de saúde sejam elas físicas ou principalmente emocionais. Traumas podem estar sendo represados ao oferecer as pessoas que aderem a uma religião cristã, verdadeiros placebos administrados por meio de práticas ritualísticas, palavras de autoajuda, promessas disfarçadas de propósitos em busca de se obter um favor do alto.

Seja por ignorância ou por má fé, os riscos de se ministrar placebos espirituais as pessoas ao invés de cura real e definitiva é sério e deve ser levado em conta.

A religiosidade não pode ser tratada como refúgio no sentido negativo da palavra para pessoas adoecidas fazendo-as ignorar problemas de saúde em nome da fé. O resultado disso é inevitavelmente a morte – física nos casos orgânicos e eterna nos casos espirituais, além de relegar a pessoa a uma vida medíocre e envolta em sofrimentos por não se tratar o âmago do problema.

Uma visão integrativa que alie religião, medicina convencional e saúde mental se mostra mais eficiente a cada dia. A fé tem um papel crucial na saúde apresentando muitos aspectos positivos quando conduzida com seriedade e piedade e infelizmente outros negativos quando se mascara ou oculta questões de saúde em nome da fé.

Como se viu aqui, pessoas pagaram e ainda pagam um preço sério com isso resultando em consequências negativas para o adoecido, gerando inclusive efeitos psicológicos ao esconder problemas de saúde através da religiosidade, como traumas sofridos, ansiedade, a culpa e a depressão por exemplo.

A Bíblia como livro sagrado cristianismo e única regra de fé e prática religiosa cristã, em muitas citações nos lembra da importância de reconhecer e abordar a interseção entre religiosidade e saúde de forma equilibrada e sensível.

Não menos importante, vale uma lembrança final ao trazer uma perspectiva crítica importante em que se abordou no presente trabalho os riscos e responsabilidades envolvidos quando a fé é utilizada como um meio de evitar ou adiar cuidados médicos necessários. Os perigos existem quando se lança mão do efeito placebo na religiosidade, mas a solução está diante de nós – nas mãos do médico dos médicos. Com ele a remissão é completa.

REFERÊNCIAS

BECKER, S. O.; WOESSMANN, L. Knocking on Heaven's Door? Protestantism and Suicide. **The University of Warwick: Department of Economics**, v. 12, n 33, p. 3-28. Jun. 2011. Disponível em: http://wrap.warwick.ac.uk/41111/1/WRAP_Becker_twerp_966.pdf. Acessado em: 28 fev. 2019.

BERNDT, Christina. **Resiliência: o segredo da força psíquica**. Petrópolis: Vozes, 2018.

BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de sociologia**. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fon-

tes, 2000.

HSIEH, N. A Global Perspective on Religious Participation and Suicide. **Journal Of Health And Social Behavior**, [s.l.], v. 58, n. 3, p.322-339, 22 jun. 2017. SAGE Publications. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1177/0022146517715896>. Acesso em: 14 maio 2019.

JONGKIND, M. et. al. Dimensions of Religion Associated with Suicide Attempt and Suicide Ideation in Depressed, Religiously Affiliated Patients. **Suicide and Life-Threatening Behavior**. [s.l.], p.1-15, 20abr. 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/sltb.12456>.

MARTIN, Garry e PEAR, Joseph. **Modificação de comportamento: o que é e como fazer**. São Paulo: Roca, 2015.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H. G. Religiousness and mental health: a review. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, v. 28, n. 3, p. 242-250, set. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000300018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2019.

PEDROSA, Edmar dos Santos. **O Terapeuta chamado Jesus e os seus cuidados com as doenças da alma**. Belo Horizonte: Getsêmani, 2021.

PEDROSA, Edmar dos Santos. **Remédios para a alma: os Salmos como forma de terapia diária**. Maringá: Viséu, 2023.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional